



“Aracaju cheia de graça”: percepções sensíveis da cidade na obra de Joel Silveira

Cleverton Barros de Lima¹

Resumo

O objetivo do artigo é pensar as imagens de cidade que Joel Silveira trabalha na reportagem e no conto. Ele define a cidade e seus personagens ao pensar numa cidade lírica, marcada pelo olhar romântico. Parto, então, da reportagem publicada em 1941 no periódico *Diretrizes*, e, assim, cotejo com as inscrições estéticas do livro de contos, *Onda Raivosa*, publicado em 1939. Nestes escritos, o pensamento político de Joel Silveira, se constitui numa leitura da riqueza da terra, contrastada à submissão do homem às contingências das inovações modernas da sociedade brasileira.

Palavras chaves: Joel Silveira; Cidade; Literatura.

Aracaju full of grace: sensitive perceptions of the city in the work of Joel Silveira

The objective of this article is to think the images of city that Joel Silveira works in the reporter and in the tale. Joel Silveira defines the city and its characters to think a lyrical city, marked by romantic look. I start, then, of the report published in 1941 in the journal *Diretrizes*, and thus comparison with the aesthetic registration of book of short stories, *Onda Raivosa*, published in 1939. In these writings, the political thought of Joel Silveira, constitutes a wealth of reading earth, contrasted the man's submission to the contingencies of the modern innovations of Brazilian society.

Key words: Joel Silveira; City; Literature.

Artigo recebido em 06/12/2014 e aceito em 28/01/2015.

“ARACAJU CHEIA DE GRAÇA”: PERCEPÇÕES SENSÍVEIS DA CIDADE NA OBRA DE JOEL SILVEIRA

CLEVERTON BARROS DE LIMA

1. O escritor e a cidade

*O barulho da cidade está expulsando a poesia...
(...)
Aracaju não é terra
Nem também povoação
Tem casinhas de palha
Forradinhas de melão^{II}.*

Em 1941 o escritor Joel Silveira^{III} (1918-2007), então consagrado pela publicação do livro de contos *Onda Raivosa* (1939), escreveu um texto de enaltecimento à sua cidade natal, publicado originalmente no jornal *Diretrizes*^{IV}; dois anos depois, o mesmo texto saiu na *Revista de Aracaju*^V; O enfoque memorialista delineou-se na escrita do jovem, que nesse momento já residia e trabalhava como jornalista profissional no Rio de Janeiro. O artigo exhibe reiteradamente o amor pelo lugar de suas raízes, além do visível reconhecimento do lugar afetivo. A reportagem é fruto do trabalho jornalístico na imprensa da capital federal. Enviado especial deste jornal, Silveira, empreendeu uma leitura da cidade, pautada por sentimentos, que sugerem imagens e sensibilidades de uma Aracaju lírica, onde a natureza tem um papel fundamental, juntamente, com seus personagens das classes pobres. As experiências desta população pobre nas feiras, por exemplo, são tradadas na tessitura da cidade, seja ao escrever os contos, ou mesmo, na reportagem.

A partir destas referências de Joel Silveira, investigo os elementos que constituem a base da sua escrita^{VI} memorialista referente à cidade natal. De fato, este tipo de escrita tornou-se uma perspectiva clássica flagrante, por exemplo, na obra do poeta Vinicius de Moraes^{VII} ao preparar por décadas, um roteiro lírico e sentimental da cidade do Rio de Janeiro; Walter Benjamin,^{VIII} filósofo alemão, descreveu os locais da sua infância em Berlim no final do século XIX; e, recentemente, Orhan Pamuk^{IX}, escritor turco laureado com Nobel de literatura, narrou Istambul em cores vivas ao enfatizar em suas memórias e inferências, processo de secularização vivido por seu país durante o século XX; as tensões decorrentes da modernização geraram uma melancolia no povo. O escritor turco faz, então, referência ao Edifício Pamuk, onde toda família residiu a partir de 1950. A respeito da imagem do edifício, ele recorre às inferências da memória alusiva às transformações ocorridas nas ruas da antiga sede do Império Bizantino. Enfim, esses autores partilham da ideia de gestar uma memória^X sobre suas vidas, nas cidades em que produziram vínculos afetivos inapagáveis. Ou seja, inscrevem uma memória, ao mesmo tempo em que, deixam marcas de sua identidade na forma peculiar ao tratar dos lugares, como referência de suas experiências sensíveis.

Então, ao compor suas memórias, nestes escritos sentimentais, autores como Joel Silveira, constroem também imagens da cidade^{XI}. Diferente das metrópoles, onde a urbanização e o afluxo de multidões são uma constante, Aracaju das primeiras décadas do século passado, é uma cidade de silhueta rural, sem os indícios expressivos dos meios tecnológicos. Na realidade, Silveira salienta o peso das inovações modernas, a exemplo, das fábricas, numa acepção negativa. Ele se mostra um

“ARACAJU CHEIA DE GRAÇA”: PERCEPÇÕES SENSÍVEIS DA CIDADE NA OBRA DE JOEL SILVEIRA

CLEVERTON BARROS DE LIMA

romântico^{XII}, anticapitalista, essencialmente porque esses aparatos da modernidade se constituíram numa perda da tradição e, por conseguinte, na exploração do homem.

Seguindo esse fio interpretativo, observo ainda, ao fazer a leitura de um dos textos de Joel Silveira, quais seriam as características deste relembrar. A perspectiva de delinear o perfil da cidade, também foi trabalhada, no livro *Onda Raivosa*, marco da incursão ficcional de Joel Silveira na literatura brasileira. Nesta obra, Silveira também escreve sobre os espaços da cidade de Aracaju com tons românticos. Os dois escritos, portanto, encontram-se numa dupla retórica^{XIII}, a jornalística e a ficcional. Por isso, o escopo do artigo é compreender os indícios que Joel Silveira confere à cidade de sua infância, nesses escritos do final dos anos 1930 ao prelúdio da década seguinte, pensando assim, as ferramentas utilizadas para fundamentar^{XIV} sua leitura a respeito da Aracaju dos anos 1930 e 1940.

Os textos^{XV} de Joel Silveira, que serão analisados no artigo partem de modelos retóricos^{XVI} e gêneros do discurso^{XVII} distintos – como artigo e o conto – mas, anunciam um mesmo objetivo de recompor imagens da cidade natal. Os leitores são instigados a ler uma confissão cidadina com dois sentidos quanto à questão da veracidade. De um lado, o conto, gênero literário que ganhava grande audiência após o amplo diálogo proposto pelo romance de 30. Ao utilizar este gênero, Silveira obteve espaço para desenvolver a narrativa curta e poética. Mas, de outro lado, a reportagem, a crônica e a notícia, tornaram-se gêneros chave em sua trajetória, especialmente, por ele utilizar recursos retóricos e estéticos sofisticados, fignando assim, o público leitor ávido por um jornalismo arte.

Não ficaria legível empreender a leitura dos escritos de Joel Silveira sem apresentar, mesmo que sumariamente, os suportes utilizados pelo autor. Primeiro, o texto saiu na revista *Diretrizes*^{XVIII}, um dos principais periódicos do país surgido pouco depois da instauração do Estado Novo. Hoje é considerado como um dos periódicos que mais contribuíram para os embates políticos contra a ditadura varguista, em especial, após 1941, quando o cenário internacional recrudescia para o autoritarismo vigente em parte da Europa e no Brasil. De vertente liberal e democrática, a revista ampliou sua circulação após a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Mais combativa, a *Diretrizes* trilhou as veredas dos embates ao cenário autoritário, inclusive, na ocasião da saída de um dos dirigentes, Azevedo Amaral. Desde 1938, ele trabalhou na direção da revista, entretanto, seu pensamento político autoritário não se harmonizou ao perfil tomado pelo curso dos acontecimentos políticos. Além disso, o outro dirigente da *Diretrizes*, Samuel Wainer, havia assumido compromissos democráticos e liberais que se confrontaram a postura de Amaral.

O segundo periódico onde o artigo saiu, foi na *Revista de Aracaju*. Veículo de notícias, patrocinada pela prefeitura de Aracaju. Nesta revista, os articulistas fazem balanços sobre diversos temas referentes à cidade. Várias estatísticas utilizadas pelos articulistas apontam para o caráter também técnico da publicação. Ou seja, o periódico tem nas cidades do estado de Sergipe o foco central. Nela, encontram-se debates a respeito da urbanidade da capital, das novidades empreendidas pelas prefeituras. Por isso, o texto de Joel Silveira encontrou o espaço de diálogo na *Revista de Aracaju*, não só pelo objeto, mas, sobretudo, pelo louvor do filho ilustre que enaltecia a cidade em seus inúmeros contos e novelas.

Por fim, existe uma peculiaridade do convite a pensar a cidade por diversos meios. A reportagem, gênero que postula a veracidade, trata o vivido pela discrição de

“ARACAJU CHEIA DE GRAÇA”: PERCEPÇÕES SENSÍVEIS DA CIDADE NA OBRA DE JOEL SILVEIRA

CLEVERTON BARROS DE LIMA

uma construção do real. Oposto a ela, o conto, trata da “ilusão do real”^{XIX} no texto ficcional, nas palavras de Roland Barthes, aspecto importante para debater o papel da memória sobre a cidade. Joel Silveira, então, demarca as várias dimensões utilizadas para recompor uma memória do espaço, partindo das reminiscências do vivido. Maurice Halbwachs afirmou a esse respeito que “é esse passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela história escrita, sobre o qual poderá mais tarde apoiar-se sua memória”^{XX}.

2. Cidade cheia de graça

Daqui você poderá ter uma visão geral da cidade. Seus olhos se estendem e mergulham primeiro na brancura da areia que cerca Aracaju. Você já viajou muito. Sabe portanto que não existe em todo o Brasil areia mais branca do que esta^{XXI}.

Joel Silveira narrou certa feita sua insistência com Rubem Braga para que conhecesse sua cidade natal. Ele parece instigar um visitante hesitante, no texto publicado na *Diretrizes* e *Revista de Aracaju* no início dos anos 1940, ao dirigir-se a um leitor específico. Acredito que os detalhes que o narrador dá a respeito do interlocutor, seja alguém do convívio do sergipano, seguindo as pistas, poderia ser um dos amigos das redações dos jornais em que trabalhou no Rio de Janeiro, a exemplo, de *Dom Casmurro* e *Diretrizes*. Outros companheiros e intelectuais poderiam se encaixar nessa descrição que o narrador faz do suposto leitor; trata-se de alguém que conhecia muitos lugares, por isso ele se propôs a distingui apropriadamente, as peculiaridades de Aracaju.

Portanto, o texto é um convite a andar por uma cidade marcada pela natureza^{XXII} exuberante. Daí, o autor seduz os leitores a percorrer a cidade por um roteiro cadenciado pelo ritmo dos seus passos na “Aracaju cheia de graça” que tanto queria exaltar como um poeta lírico. A fecundidade em andar pela cidade e, no ponto mais alto, entregar-se ao brilho da fluidez da paisagem edênica é um indício do viés romântico. O culto à natureza sublime é utilizado na reportagem como instrumento de idealização e interação social do homem.

Esta experiência orienta o visitante a mergulhar naquilo que Emil Cioran argumenta como a base do lirismo: “(...) O lirismo representa uma força de dispersão da subjetividade por indicar, no indivíduo, uma efervescência incoercível da vida, que sem cessar exige expressão. Ser lírico significa não podermos permanecer fechados em nós mesmos.”^{XXIII}. Então, o convite de abrir-se à exuberância da natureza da cidade, traz à lume o lírico que emerge do amor às peculiaridades que se juntam na constituição das reminiscências sentimentais.

O primeiro aspecto salientado por Joel Silveira relaciona-se à dimensão espacial exuberante da cidade vista do alto da Colina do Santo Antônio onde Aracaju surgiu com o nome de Povoado do Santo Antônio. Nesse quadro natural, o narrador observa, a areia branca que rodeava a cidade como um “mar de espuma”. Seguindo ainda os olhos do observador, existiria uma ampla claridade, significado atribuído a um lugar com “ausência de passado”, logo Silveira explica: “Você talvez sinta falta de

“ARACAJU CHEIA DE GRAÇA”: PERCEPÇÕES SENSÍVEIS DA CIDADE NA OBRA DE JOEL SILVEIRA

CLEVERTON BARROS DE LIMA

uma ou mais casas velhas onde o seu pensamento possa distrair-se nas coisas do passado. Mas ao mesmo tempo você notará que a claridade da cidade e a ausência de sombras e velharias, compensarão tudo”^{XXIV}. Essa cidade^{XXV} não possuía o peso do passado histórico, no entanto, oferece uma riqueza natural que encantaria os que ousassem visitá-la.

Joel Silveira prossegue o relato ao afirmar que o Rio Sergipe brilha tanto quanto toda cidade ensolarada. Ele, então, questiona o leitor: “Agora se debruce comigo nesta balaustrada e fique olhando. Você já viu outro rio que brilhasse tanto? Não é direitinho o corpo de um peixe, imenso, um peixe que fosse prateado?”^{XXVI}. Certamente, o uso da metáfora do peixe grande em referência ao rio sugere novamente o traço da natureza como diferencial dessa cidade.

Do outro lado do rio, os coqueiros preenchem a visão do espectador. Silveira descrevia ao leitor, os inúmeros coqueirais do que hoje é a cidade da Barra dos Coqueiros, parte da chamada Grande Aracaju. Contudo, nos anos 1940, o local era mais um bairro da capital do Estado de Sergipe. Um marcador desse texto revela-se, portanto, nas indicações de onde se posicionar para explorar a cidade na condição de paraíso.

Márcia Naxara, ao trabalhar o significado explicativo do Brasil no século XIX, debateu o papel histórico da fermentação alegórica binária entre civilização e barbárie; Bastante disseminada nos debates políticos, estes conceitos se materializaram em metáforas que se traduziram “entre urbano e rural”. Isto é, cidade e campo, na percepção dos atores políticos do XIX, elaboraram os fios das tramas que sustentaram “os campos simbólicos entre seus opostos e contradições”. Naxara se refere ao papel histórico da natureza na condição de elemento indissociável do país que abre uma linha de discursão com a matriz de leitura da cidade que Joel Silveira elaborou:

À natureza se conferiu papel importante nas representações que foram sendo elaboradas ao longo da sua história, tornando-a elemento constitutivo e inerente a sua existência e identidade – natureza em grande parte tropical que, ao mesmo tempo em que seduz, desconcerta: bela, variada, grandiosa e, em sua maior parte, desconhecida. Dá ao país um caráter de proximidade do natural que desperta a curiosidade, mas também o assombro. Uma natureza virgem, primordial, primeira, com a qual o homem civilizado estabelece uma relação de alteridade – outro mundo, do qual ele se avizinha, mas não toca, nem abarca ou compreende plenamente^{XXVII}.

Já nos escritos de Joel Silveira, a dicotomia entre rural e urbano constitui-se numa percepção da natureza enquanto marcador de deleite e hedonismo. O ritmo da narrativa elevam o caráter atrativo dos símbolos da natureza. Ele percebe o Brasil lírico na cidade de Aracaju da década 1930. Enquanto, a cidade urbanizada aparece em sua concepção, na qualidade de espaço mergulhada num passado histórico longínquo, onde o viajante ou turista estaria soterrado nas camadas de vários tempos passados^{XXVIII}. Há, portanto, uma dicotomia em questão: primeiro, a cidade na condição de espaço natural, repleta de elementos que figuram o potencial do escritor ou do viajante mergulhar na poesia.

E, segundo, contrariamente, a cidade moderna é, na leitura de Silveira, um espaço neutralizador da capacidade poética, pois embota as possibilidades de elaboração espiritual. Este aspecto aproxima-se do debate de Georg Simmel no texto

“ARACAJU CHEIA DE GRAÇA”: PERCEPÇÕES SENSÍVEIS DA CIDADE NA OBRA DE JOEL SILVEIRA

CLEVERTON BARROS DE LIMA

As grandes cidades e a vida do espírito (1903), onde ele traz as contribuições ao debate da condição do homem moderno nas grandes metrópoles:

Os problemas mais profundos da vida moderna brotam da pretensão do indivíduo de preservar a autonomia e a peculiaridade de sua existência frente às superioridades da sociedade, da herança histórica, da cultura exterior e da técnica da vida — a última reconfiguração da luta com a natureza que o homem primitivo levou a cabo em favor de sua existência corporal. Se o século XVIII pode clamar pela libertação de todos os vínculos que resultaram historicamente no estado e na religião, na moral e na economia, para que com isso a natureza originalmente boa, e que é a mesma em todos os homens, pudesse se desenvolver sem empecilhos; se o século XIX reivindicou, ao lado da mera liberdade, a particularidade humana e de suas realizações, dadas pela divisão do trabalho, que torna o singular incomparável e o mais indispensável possível, mas com isso o atrela mais estreitamente à complementação por todos os outros (...) ^{XXIX}.

Então, Simmel afirma que a vida nas metrópoles seria resultado da “intensificação da vida nervosa”. O homem não seria mais capaz de fugir das implicações das inovações tecnológicas. Exatamente o ponto central da implicação de Joel Silveira com a vida turbulenta na metrópole. Vida esta, sujeita às perdas das noções milenares na relação com a natureza e, também, nas relações sociais.

Maria Stella Bresciani pensou as implicações da vida do homem dos tempos modernos nas cidades pelo viés de uma nova sensibilidade. Aspecto este, caro ao papel orientador do ritmo das estações, da natureza à qual o homem foi impelido brutalmente a sair do campo para as cidades. O espaço citadino dominado pelo inquietante compasso do relógio das fábricas tornou-se símbolo da sensibilidade nascente. Bresciani, então, afirma que “O sentido de desenraizamento expresso na perda de identidade social e de formas de orientação multisseculares, aparece de forma recorrente elaborando a imagem de crise de proporção e conteúdo inéditos” ^{XXX}. Por isso, os pensadores sociais do século XIX, observa o homem sob o prisma da crise que esteve relacionada ao processo de ser “arrancado de sua íntima relação com a natureza, mas paradoxalmente apontam para a nova condição humana de vencedor”, diz Bresciani. Assim, ela instruiu a respeito dessa sensibilidade que emerge das novas relações que o homem tem na crise que pode ser simbolizado pelo trinômio: “máquinas, multidões e cidades”.

Em certo sentido, há nos escritos de Joel Silveira um saudosismo do passado, onde a cidade não estava dominada pelos símbolos da nova sensibilidade. O lirismo que se esvaia das outras cidades brasileiras, ainda podia ser visto e apreciado nos símbolos naturais da cidade. De certo, uma das mensagens do autor aos que desejam conhecer essa parte do país, onde o frescor da natureza pode restaurar as perdas do desenraizamento da vida na metrópole. Daí que, conhecer a cidade de Aracaju é uma experiência sentimental e lírica.

Ao mesmo tempo em que Joel Silveira salienta as belezas naturais, também discorre sobre um aspecto técnico das cidades modernizadas no XIX. Ele se refere ao alinhamento das ruas da cidade lírica. São ruas onde os transeuntes andam sem medo, pois não existiriam vielas, curvas, etc. De certo, o planejamento da cidade no plano de xadrez, mais conhecido por “Quadro de Pirro”, obra do engenheiro Sebastião Basílio Pirro, que impunha um modelo urbanístico no formato de grelha.

“ARACAJU CHEIA DE GRAÇA”: PERCEPÇÕES SENSÍVEIS DA CIDADE NA OBRA DE JOEL SILVEIRA

CLEVERTON BARROS DE LIMA

A propósito, Aracaju tornou-se umas das primeiras capitais planejadas do país, em 1855, com o projeto vencedor de Pirro. Mas esse projeto não pode ser compreendido fora do contexto. Após a segunda metade do século XIX, o Brasil passou por diversas mudanças, dentre estas, a transferências das sedes das províncias para as áreas próximas ao litoral. Na província de Sergipe Del Rey, Inácio Joaquim Barbosa “decretou em 17 de março de 1855 a transferência da capital para o povoado Santo Antônio do Aracaju”^{XXXI}.

O projeto de transferência da capital de São Cristóvão para Aracaju deveu-se em parte à vitória dos produtores de açúcar da Cotinguiba, região mais proeminente da província. Mas, os primeiros habitantes da nova capital vivenciaram as precárias condições da nova sede da província^{XXXII}. Especialmente, os funcionários públicos que foram obrigados a mudar para uma cidade frequentemente assolada por malária, cólera e febre amarela. Somente nas primeiras décadas do século XX a capital tornou-se espaço concebido como moderno.

O terceiro aspecto lírico da cidade indicado por Joel Silveira encontra-se na feira do Aracaju. No espaço do comércio, a cidade mostra-se na multidão de camponeses advindos de Itabaiana, de Laranjeiras, do Maruim. O autor narra às imagens dos feirantes trazendo galinhas, cebolas, abóboras e melancias. Mas é a respeito da condição social da população e do que era vendido na feira, que Silveira descreve em detalhes os personagens em foco, que são os feirantes e a população pobre que imigrou para a cidade:

Alguns têm a pele tostada pelo sol violento do sertão. Outros trazem no rosto a passagem dos ventos do mar e da ardência da salsugem ensolarada. Todos chegam para grande feira de Aracaju. Mulheres e moças, meninas de grandes olhos negros grudados na face como duas escuridões, raparigas que enterram as mãos na tapioca branca – todos chegam para grande feira de Aracaju. Venha andar comigo por essas ruidosas ruas do mercado. (...)^{XXXIII}

Os traços dos cidadãos sugerem a população pobre transitando pelas vias da cidade. Sertanejos, migrantes das terras assoladas pelas secas, são figurados na condição de personagens centrais; e a feira, é o espaço onde os transeuntes encontram o local de transações econômicas, em especial, as mulheres e moças que trabalham a tapioca. A feira é o local privilegiado para entender a cidade lírica, por isso, o convite para observar as nuances da multidão nas ruas que circundam o mercado. Conhecer a cidade de Aracaju também passa por uma identificação à cultura local, revelada no espaço da feira livre.

Não há como não pensar na aproximação da referência à feira com as descrições que outro autor sergipano fez da cidade do Aracaju dos anos 1920. Refiro-me ao romancista e político Amando Fontes^{XXXIV} que publicou em 1933, o romance *Os Corumbas*^{XXXV}. A massa de feirante também é um traço central da paisagem urbana da cidade. De fato, é uma característica realçada, especialmente pelo número crescente de retirantes das secas, ou mesmo, dos que fugiram da derrocada econômica dos usineiros no Estado de Sergipe no final dos anos 1920. O que é comum nesses escritos é a variedade dos tipos da multidão que perambulava a disputada feira da capital sergipana; tanto Amando Fontes, quanto Joel Silveira salientam diversos personagens do comércio local. Em especial, os autores apresentam interesse comum às feiras por serem barulhentas e por aglomerarem figuras do povo.

“ARACAJU CHEIA DE GRAÇA”: PERCEPÇÕES SENSÍVEIS DA CIDADE NA OBRA DE JOEL SILVEIRA

CLEVERTON BARROS DE LIMA

Por fim, o texto cumpre, num estilo leve e peculiar do autor, o convite ao abandono “por um instante do asfalto”. Nesse chamado a dicotomia entre campo e cidade está em evidência, pois Silveira acreditava que “a cidade grande está mantendo a poesia que vivia consigo”. O convite e a promessa sugerida pelo autor são de muita leveza na cidade inundada por um lirismo cativante.

3. O tom romântico da Cidade

A obra *Onda raivosa* (1939) tornou-se um marco na inserção intelectual de Joel Silveira. Por vários motivos essa afirmação confirma-se, visto que, aos 21 anos, o autor publicará seu primeiro livro. E, além disso, conseguiu entabular um debate acirrado com Mário de Andrade. A querela entre os dois deveu-se a uma indicação do crítico de que Silveira havia escrito uma palavra de forma imprecisa, ou melhor, uma “palavra em falso”, na avaliação do autor de *Macunaíma*.

Intrigas à parte, o livro de contos trouxe ao debate muita mais que uma disputa política apaixonada, pois nos contos revelam-se as inscrições estéticas e políticas à qual labutou sem descanso. Refiro-me às imagens das classes pobres que ele optou em descrever, assumindo assim, um compromisso político com a imagem do país dividido entre o foço dos trabalhadores pobres e dos marginalizados de um lado, e os ricos, vivendo diletantemente os benefícios de um país injusto. Daí surge a crítica social elaborada nas reportagens que o fizeram conhecido; a principal, *Os Grã-finos de São Paulo* (1943). Os ricos são figurados na condição de elementos centrais das divisões sociais, inusitadamente, próxima aos estamentos sociais. No prefácio do livro reportagem *Os Grã-finos em São Paulo e outras notícias do Brasil*, ele afirma a importância das classes pobres na sua obra: “depoimentos e reportagens aqui reunidas servem como um retrato objetivo de um certo período da vida brasileira. São, particularmente, um instantâneo das condições de existência das classes mais pobres do país, identicamente exploradas no Norte, Centro e Sul”^{XXXVI}. Incisivamente, ele se coloca na condição de observador e crítico das condições de vida dos pobres. Postura essa, de importância central de sua trajetória.

Para além dessa disputa que ajudou a fabricar a imagem combativa de Joel Silveira, *Onda Raivosa* revelou ainda a cidade natal como palco de seus diversos contos e novelas. Os elementos naturais da cidade são entremeados por símbolos da modernidade como, por exemplo, o bonde e o cinema. Assim, é possível entender como o livro apresenta ao leitor, as ruas, a natureza e os símbolos da modernidade. Cada elemento desses contos agrega-se a uma cidade próxima do que foi tratado na reportagem, mas que, diverge nos recursos retóricos, por encenar tramas e dramas nesse espaço.

Quando chegou na esquina – o letreiro luminoso estava apagado desde a noite passada – o relógio bateu duas vezes, duas pancadas metálicas que pouco perturbaram o silêncio pesado. Duas horas da madrugada! Aumentou o passo, a farmácia já estava perto. Até lá continuou pensando na febre que não queria passar (si ao menos a febre passasse...), pensando

“ARACAJU CHEIA DE GRAÇA”: PERCEPÇÕES SENSÍVEIS DA CIDADE NA OBRA DE JOEL SILVEIRA

CLEVERTON BARROS DE LIMA

em Pureza, com as faces úmidas, os cabelos caindo por cima dos ombros, um rosto amassado por muitas noites perdidas. Era uma tortura mesmo ver aquilo: Lucinha sem dormir, gemendo a noite toda, delirando, delirando – “Papai Noel está na luz...Papai Noel está na luz...”, uma voz diferente, de cortar o coração. E Pureza na cabeceira da cama, os olhos inchados, enlutados por duas olheiras de cocainômana^{XXXVII}.

Essas são as primeiras palavras do narrador personagem, do conto *Onda raivosa*, que abre o livro de mesmo título. Em resumo, a história traz um pai que perambula pelas ruas da cidade à procura de uma farmácia aberta no início da madrugada. Os passos do personagem conferem uma sensação de tormento, ou melhor, do aspecto sombrio da aflição do pai traduzida pelo silêncio opressivo da cidade; silêncio este, quebrado pelo sino da Igreja Matriz. Ainda caminhando, o pai observou que “as ruas estavam desertas, um cachorro latia muito distante. De um cabaré da rua da Frente chegavam os sons indistintos de um “jazz” de mistura com um alvoroço de vozes embaralhadas”. Por fim, mas um som quebra novamente o silêncio: “Bateu na “confiança”, ou seja, símbolo da indústria têxtil que não parava de acender na economia brasileira; demorou “ainda uma eternidade para o rapaz do plantão abrir a porta”, e o pai esperava aflito por cada segundo que o farmacêutico delongava.

Como o narrador nos esclarece, o personagem central saiu de casa a pé até o centro da cidade, onde encontrará a farmácia. A raiva do pai – por isso *Onda Raivosa* – deveu-se à negativa do farmacêutico em vender o narcótico sem receita médica, mesmo que o pai suplicasse, pois a filha teria uma noite de sono tranquila. Mas, sem receita não foi possível a compra do medicamento. Por mais que tentasse dissuadir o rapaz a vendê-lo o remédio, agora o pai tentava “dominar a raiva”, ao mesmo tempo, em que tentava convencê-lo do quanto a filha era fraquinha e que precisava do remédio para dormir. O vendedor ofereceu “capsulas de quinino”, de modo que, o pai “estremeceu, ficou calado”. Enfurecido, disse: “- Quinino! Amassava o lenço nas mãos crispadas. – Pra quê diabo eu quero quinino?!”^{XXXVIII}. Em seguida ao acesso de raiva, o homem retorna inconsolado para casa, por ruas ainda silenciosas, numa noite chuvosa. Passou perto de uma padaria onde já havia pessoas trabalhando. Observou na esquina do Correio um guarda-noturno, que “apitava em tempo em tempo”.

Outras referências centrais do centro da cidade de Aracaju aparecem no conto como o Parque Theophilo Dantas: “Do outro lado ficava a praça, Parque Teófilo Dantas, fazia mesmo um ano que havia sido inaugurado, com quiosques chineses nos canteiros e cotias soltas na grama”^{XXXIX}. Hoje, a praça é a Olímpio Campus, comumente chamada de Praça da Matriz, inaugurada em 1882. Em 1928, o intendente da capital, Coronel Theophilo Correia Dantas, inaugurou o “Parte Theophilo Dantas”. O conto, portanto, traz marcadores temporais, por isso, o leitor compreende o pacto do texto literário com a verossimilhança^{XL}. Joel Silveira apoiou-se em indícios das reminiscências de sua infância^{XLI}, quando o intendente projetou as mudanças na drenagem das águas através de galerias subterrâneas no espaço da praça. A descrição do narrador do espaço central do Parque Theophilo Dantas recobre à “igreja” que “ficava escondida por detrás dos eucaliptos compridos, imóveis gigantes de cinza, manchas escuras se inutilizando na mancha maior do céu”^{XLII}.

As referências da cidade de Aracaju no conto *Onda raivosa* são elementos centrais na compreensão do desespero do pai à procura de remédio para filha febril.

“ARACAJU CHEIA DE GRAÇA”: PERCEPÇÕES SENSÍVEIS DA CIDADE NA OBRA DE JOEL SILVEIRA

CLEVERTON BARROS DE LIMA

Os ruídos do motor da padaria, do sino da Igreja Matriz, e por fim, da Fábrica Confiança, mencionam às mudanças que estavam ocorrendo na paisagem da capital. Entretanto, o escritor sergipano apresenta um personagem na contramão das mudanças do cenário, pois se trata de um desempregado. Esta figura é imprescindível na inserção do sistema fabril nas cidades do norte e nordeste do país nas primeiras décadas do século XX. Joel Silveira, então, trabalha as imagens da cidade entrecruzadas entre a opressão dos instrumentos tecnológicos, a exuberância da natureza sublime.

Considerações finais

Joel Silveira escreveu um relato afetivo e de crítica social da cidade natal. Ele não se furtou, entretanto, a criticar as condições de vida das populações urbanas do Brasil. É exatamente o aspecto delineado por esses dois textos do início da trajetória deste intelectual. A aproximação com a cidade lírica dos coqueiros, das feiras, do parque, do Rio Sergipe, associa-se à vida de pessoas sofridas, como o desempregado do conto *Onda Raivosa*. A crítica política subjaz na escrita ficcional, ao passo que, no artigo, publicado na *Diretrizes*, e depois, na *Revista de Aracaju*, Joel Silveira enaltece a paisagem, ou seja, as belezas naturais na condição de elemento central da cidade lírica.

O entrelaçamento dos dois textos resulta num interesse por encenar a cidade como palco da vida. Aracaju é descrita como “cidade cheia de graça”, até mesmo, num viés romântico, mas Silveira não se restringe a enaltecê-la. A cidade também é espaço dos dilemas e sofrimentos humanos; da falta de perspectiva diante da realidade política do desemprego, da doença sem tratamento médico, enfim, das diversas tramas vivenciadas na cidade natal pelas vidas das populações pobres.

Notas

^I Mestre e doutorando em História pela UNICAMP na Área Cultura, Política e Cidades; Bolsista FAPESP. Este texto foi produzido com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. E-mail: cleverton.lima@gmail.com.

^{II} SILVEIRA, Joel. Aracaju cheia de graça. *Diretrizes*. Rio de Janeiro, 06/03/1941, p. 4,18.

^{III} Joel Silveira nasceu em Aracaju em 1918. Trabalhou em vários periódicos da grande imprensa a partir de 1937. Entre os órgãos da imprensa estão *Dom Casmurro*, *Vamos Ler*, *Diretrizes*, *Manchete*, *Correio da Manhã*. Publicou nos anos de 1940 as célebres reportagens sobre os Grã-finos de São Paulo que se tornaram um marco no jornalismo brasileiro. Além disso, ele escreveu contos, traduções, novelas, crônicas, ensaio. Silveira faleceu em 2007.

^{IV} O jornal *Diretrizes* surgiu em 1938, sob a direção de Azevedo Amaral e Samuel Wainer. Ver: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª. Ed. Atualizada. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p.386; LEAL, Carlos Eduardo. *Diretrizes*. In: ABREU, Alzira Alves et al. (Coord.) *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. Vol. II.

“ARACAJU CHEIA DE GRAÇA”: PERCEPÇÕES SENSÍVEIS DA CIDADE NA OBRA DE JOEL SILVEIRA

CLEVERTON BARROS DE LIMA

^v SILVEIRA, Joel. Aracaju cheia de graça: iniciação lírica, coqueiros, mistério do Morro do Urubu, frutas, céu, feira, Atalaia, história, convite. **Revista de Aracaju**, Aracaju, 1943.

^{vi} Dominick La Capra pensa o uso da literatura pelo historiador através da via das relações intrincadas. Isto é, a estratégia é perceber as formas de interação próprias da literatura, com a história. Seria uma postura dialógica ao observar as vozes estão dialogando. Ver: LACAPRA, Dominick. **History, literature, critical theory**. Ithaca- London: Cornell University Press, 2013.

^{vii} MORAES, Vinícius. **Roteiro lírico e sentimental da cidade do Rio de Janeiro** – E outros lugares por onde passou e se encantou o poeta. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

^{viii} BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Obras escolhidas. Vol. 2. Reip. 6ª. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2011.

^{ix} PAMUK, Orhan. **Istambul** – Memória e cidade. Tradução Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

^x A memória utiliza diversos suportes, como demonstrado no estudo de Frances Yates. Neste sentido, a memória artificial, “fundamenta-se em lugares e imagens”. De certa forma, Joel Silveira apoia-se nessa arte ao escrever sobre lugares de sua infância. Ver: YATES, Frances A. **A arte da memória**. Tradução de Flávia Bancher. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

^{xi} A historiadora Maria M. Stella Bresciani trabalha questões como as imagens construídas sobre a cidade de São Paulo, por diversos atores. BRESCIANI, Maria Stella M. O literato, o cronista e o urbanista. Imagens de São Paulo nos anos 1910-1920. In: **Escrita, linguagem, objetos. Leituras de História Cultural**. Sandra Jatahy Pesavento (org.). Bauru: EDUSC, 2004, pp.115-164.

^{xii} O leitor tem acesso a este debate nestes textos, consultar: LOWY, Michel e SAYRE, Robert.

Romantismo e Política. Tradução de Eloísa de Araújo Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1993;

GUINSBURG, J. (org). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

^{xiii} Quanto a este aspecto retórico do gênero ficcional, Booth indica as várias estratégias que os escritores utilizam na construção de inferências aos leitores. BOOTH, Wayne C. **A retórica da ficção**. Tradução de Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Arcadia, 1980.

^{xiv} É importante pensar a respeito da memória fundamentada no passado vivido, pois nessa base apoia-se as lembranças de Silveira. Nesse caso, a reflexão Halbwachs é imprescindível para compreender esse movimento entre a memória individual e coletiva. Conferir: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vertice, 1990.

^{xv} Para compreensão da relação entre literatura e cidade, ler: BRESCIANI, Maria Stella M. “Literatura e cidade”. **Arte e cidade: imagens, discursos e representações**. Selma Passos Cardoso et ali. (orgs). Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 9-40.

^{xvi} Observar como Calligaris articula as noções de memória e seus suportes, em especial, na autobiografia. CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Estudos Históricos**, 21, 1998.

^{xvii} TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

^{xviii} LEAL, Carlos Eduardo. Diretrizes. In: ABREU, Alzira Alves et al. (Coord.) **Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930**. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. Vol. II.

^{xix} BARTHES, Roland. **Literatura e realidade. (Que é o Realismo?)**. Apresentação Tzvetan Todorov. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984.

^{xx} HALBWACHS, p. 71, 1990.

^{xxi} SILVEIRA, Joel. Aracaju cheia de graça. **Diretrizes**. Rio de Janeiro, 06/03/1941, p. 4.

^{xxii} Joel Silveira traça uma paisagem que se associa à ideia de campo como trabalhada por Anne Cauquelin; segundo esta autora, “o campo oferece tudo o que a cidade subtrai – a calma, a abundância, o frescor e, bem supremo, o ócio para meditar, longe dos falsos valores”. Ver: CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

^{xxiii} CIORAN, Emil. **Nos cumes do desespero**. Tradução de Fernando Klabin, São Paulo: Hedra, 2012, p. 17.

^{xxiv} SILVEIRA, Joel. 1943, pp. 161-162.

^{xxv} A dicotomia campo e cidade tornou-se importante durante o período moderno como Raymond Williams esclarece no livro O campo e a cidade. As associações de imagens positivas ao campo tiveram um papel central na literatura ocidental. WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**. Na história e na literatura. Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

^{xxvi} SILVEIRA, Joel. Aracaju cheia de graça. **Diretrizes**. Rio de Janeiro, 06/03/1941, p. 4.

“ARACAJU CHEIA DE GRAÇA”: PERCEPÇÕES SENSÍVEIS DA CIDADE NA OBRA DE JOEL SILVEIRA

CLEVERTON BARROS DE LIMA

- ^{XXVII} NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Cientificismo e sensibilidade romântica**: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004, p.24.
- ^{XXVIII} KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas et al. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora PUC Rio, 2006.
- ^{XXIX} SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). Tradução de Leopoldo Waizbort. **Mana**, 11(2):577-591, 2005, p.577.
- ^{XXX} BRESCIANI, Maria Stella Martins. Metrôpoles: As faces do Monstro Urbano (as cidades no século XIX). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 5, no. 8/9, set. 1984/abr. 1985, p. 37.
- ^{XXXI} Oliva e Andrade, p. 68.
- ^{XXXII} SANTOS NETO, Amâncio Cardoso. **Sob o signo da peste**: Sergipe no tempo do cholera (1855-1856). Dissertação de Mestrado em História. Campinas: Unicamp/IFCH, 2001.
- ^{XXXIII} SILVEIRA, Joel. 1943, p.165.
- ^{XXXIV} LIMA, Cleverton Barros de. **Imagens do Povo**: Política e literatura na obra de Amando Fontes. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: IFCH/Unicamp, 2010.
- ^{XXXV} FONTES, Amando. **Os Corumbas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1933.
- ^{XXXVI} SILVEIRA, Joel. **Grã-finos em S. Paulo e outras notícias do Brasil**. São Paulo: Cruzeiro do Sul, 1945, prefácio, s/n.
- ^{XXXVII} SILVEIRA, Joel. **Onda raivosa**. 1939, p. 7.
- ^{XXXVIII} SILVEIRA, 1939, p. 10.
- ^{XXXIX} *Idem*, 1939, p. 13.
- ^{XL} A verossimilhança é um tema central nos estudos sobre literatura e história. Nesse tocante, Stella Bresciani discorre a respeito de como autores ingleses e franceses faziam essa tarefa de aproximação das narrativas ao que estava próximo dos leitores. Observar este aspecto no seguinte estudo: BRESCIANI, Maria Stella. **Londres e Paris no século XIX**. O espetáculo da pobreza. 10ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- ^{XLI} Joel Silveira à época da inauguração do Parque Theophilo Dantas tinha dez anos.
- ^{XLII} *Idem*, p. 14.

Referências Bibliográficas

- BARTHES, Roland. **Literatura e realidade. (Que é o Realismo?)**. Apresentação Tzvetan Todorov. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Obras escolhidas. Vol. 2. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- BOOTH, Wayne C. **A retórica da ficção**. Tradução de Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Arcadia, 1980.
- BRESCIANI, Maria Stella M. “Literatura e cidade”. **Arte e cidade: imagens, discursos e representações**. Selma Passos Cardoso et ali. (orgs). Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 9-40.
- _____. O literato, o cronista e o urbanista. *Imagens de São Paulo nos anos 1910-1920*. In: **Escrita, linguagem, objetos. Leituras de História Cultural**. Sandra Jatahy Pesavento (org.). Bauru: EDUSC, 2004, pp.115-164.
- _____. **Londres e Paris no século XIX**. O espetáculo da pobreza. 10ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Estudos Históricos**, 21, 1998.
- CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CIORAN, Emil. **Nos cumes do desespero**. Tradução de Fernando Klabin, São Paulo: Hedra, 2012.
- FONTES, Amando. **Os Corumbas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1933.

**“ARACAJU CHEIA DE GRAÇA”: PERCEPÇÕES SENSÍVEIS DA CIDADE NA
OBRA DE JOEL SILVEIRA**

CLEVERTON BARROS DE LIMA

-
- GUINSBURG, J. (org). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vertice, 1990.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas et al. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora PUC Rio, 2006.
- LACAPRA, Dominick. **History, literature, critical theory**. Ithaca- London: Cornell University Press, 2013.
- LEAL, Carlos Eduardo. Diretrizes. In: ABREU, Alzira Alves et al. (Coord.) **Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930**. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. Vol. II.
- LIMA, Cleverton Barros de. **Imagens do Povo: Política e literatura na obra de Amando Fontes**. Dissertação de Mestrado em História. Campinas, SP: IFCH/Unicamp, 2010.
- LOWY, Michel e SAYRE, Robert. **Romantismo e Política**. Tradução de Eloísa de Araújo Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- MORAES, Vinícius. **Roteiro lírico e sentimental da cidade do Rio de Janeiro – E outros lugares por onde passou e se encantou o poeta**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.
- OLIVA DE SOUZA, Terezinha. **Impasses do Federalismo Brasileiro: Sergipe e a revolta Fausto Cardoso**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 1985.
- PAMUK, Orhan. **Istambul – Memória e cidade**. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SANTOS NETO, Amâncio Cardoso. **Sob o signo da peste: Sergipe no tempo do cholera (1855-1856)**. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: Unicamp/IFCH, 2001.
- SILVEIRA, Joel. Aracaju cheia de graça: iniciação lírica, coqueiros, mistério do Morro do Urubu, frutas, céu, feira, Atalaia, história, convite. **Revista de Aracaju**, Aracaju, 1943.
- _____. Aracaju cheia de graça. **Diretrizes**. Rio de Janeiro, 06/03/1941, p. 4,18.
- _____. **Onda Raivosa**. São Paulo-Curitiba: Editora Rumo Limitada, 1939.
- _____. **Grã-finos em S. Paulo e outras notícias do Brasil**. São Paulo: Cruzeiro do Sul, 1945.
- SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). Tradução de Leopoldo Waizbort. **Mana**, 11(2):577-591, 2005, p.577.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4ª. Ed. Atualizada. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**. Na história e na literatura. Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

**“ARACAJU CHEIA DE GRAÇA”: PERCEPÇÕES SENSÍVEIS DA CIDADE NA
OBRA DE JOEL SILVEIRA**

CLEVERTON BARROS DE LIMA

YATES, Frances A. **A arte da memória**. Tradução de Flávia Bancher. Campinas: Editora Unicamp, 2007.